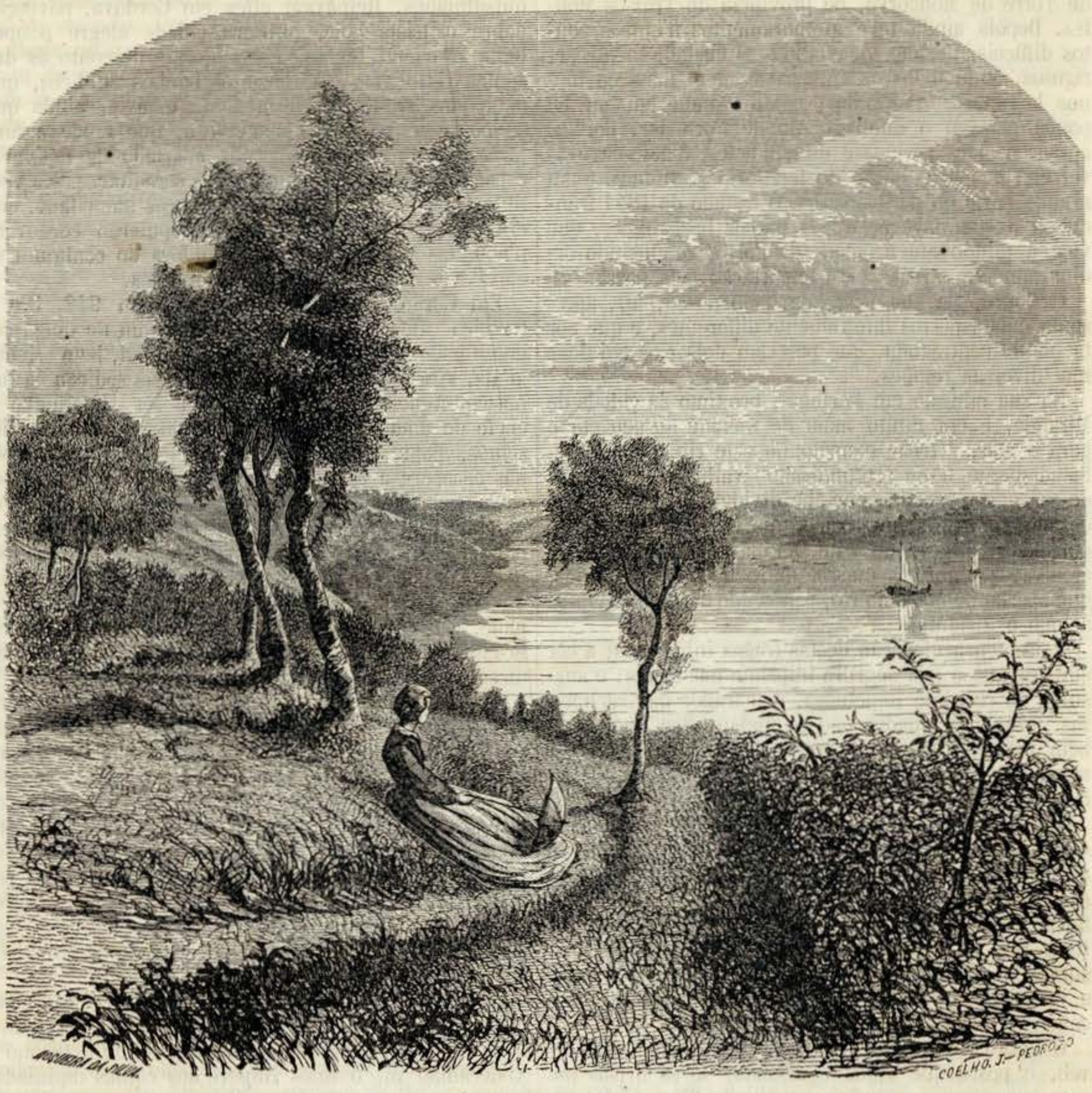


O Douro — Desenho de Nogueira da Silva

É este o maior e mais caudaloso rio que atravessa Portugal, depois do Tejo. Desde a serra d'Orbion, na Castella Velha, onde tem origem, até se lançar no Oceano junto ao castello de S. João da Foz, uma legoa abaixo da cidade do Porto, precorre o espaço de mais de oitocentos kilometros.

Logo ao saír das entranhas d'aquella serra, fórma uma vasta alagôa, que denominam *Negra*, talvez por causa das rochas denigridas que lhe orlam as margens, e surgem do leito, escurecendo-lhe as aguas.

Deixa a alagôa Negra, onde se espraia manso e tranquillo, para se precipitar com violencia e fragor sobre escarpada penedia, que assim transforma em vistosas cascatas. Correndo depois arrebatado em álveo pedregoso e bastante inclinado, corta a provincia de Castella a Velha e o reino de Leão, onde banha as cidades de Soria, Aranda, Toro e Zamora.

Tendo dividido o reino de Leão da provincia de Traz-os-Montes, entra em Portugal proximo de Castello d'Alva, e separa aquella provincia da da Beira, e estrada do Minho. Em o nosso paiz espelham-se na fugitiva corrente do Douro a cidade de Miranda, villas de Freixo d'Espada-á-cinta, S. João da Pesqueira, Pezo da Regoa, Villa Nova de Gaia, e a cidade do Porto, além de muitas outras povoações menos importantes.

No seu longo curso recebe bastantes rios, que o fazem sempre caudaloso, e no inverno temivel. Os principaes são: no reino visinho o Pisverga, que passa por Valhadolid, o Elva, que banha os muros da cidade de Leão, o Ardaja, o Carrion e o Tormes, que serve de espelho á cidade de Salamanca: em Portugal o Aguiar, o Côa, o Tua, o Sabor, o Tavora, o Barrosa, o Tamega, que lava a villa d'Amarante, o Torreira, e o Sousa.

Em Hespanha atravessam o Douro algumas bellas pontes, sendo as mais notaveis as de Soria, Simanca, Aranda, Tordesilhas, Toro e Zamora. Em o nosso paiz só uma merece menção: é a grandiosa ponte pensil, que communica a cidade do Porto com a Villa Nova de Gaia, e com a estrada que conduz a Coimbra e Lisboa.

O Douro era d'antes sómente navegavel pelo espaço de vinte legoas, desde a sua foz até á villa de S. João da Pesqueira, junto da qual dava um grande salto, chamado o *Cachão da Pesqueira*. Tendo con-

seguido a companhia dos vinhos do Alto-Douro destruir tres enormes rochedos, que formavam aquelle cachão, estendeu-se a navegação até proximo da villa de Torre de Moncorvo, na provincia de Traz-os-Montes. Depois ainda teve melhoramentos n'outros pontos difficeis, ficando todavia alguns bastantemente perigosos, onde todos os annos succedem mais ou menos lastimosos naufragios, como aquelle em que ha pouco pereceu o infeliz barão de Forrester. Porém, apesar de taes perigos e difficuldades, é hoje navegavel em toda a extensão do territorio portuguez, e em grande parte do de Hespanha. O tratado de 1841 franqueou a sua navegação aos barcos hespanhoes, que vem a miudo até á cidade do Porto, conduzindo ordinariamente cereaes para exportação pela barra.

O Douro, na sua passagem pelo nosso paiz, apresenta dois aspectos inteiramente differentes, e que por tal modo contrastam, que parecem dois rios em duas mui diversas regiões.

Na sua entrada em Portugal, proximo da cidade de Miranda, e em muito mais de metade do seu curso para o mar, é triste e medonho este rio. Corre arrebatadamente n'um profundissimo valle, ora quebrando-se contra penedos que lhe dividem a corrente, ora despenhando-se sôbre rochas que lhe formam degrau em toda a largura do leito. As margens são serranias escalvadas, enormes massas de rochedos alcantilados, que apertam o álveo do rio, parecendo desprenderem-se a todo o instante.

A immensa elevação destas fragas inhospitas; a côr sinistra que a sua negrura imprime nas aguas; o sussurro da corrente impetuosa, e o fragor das cachoeiras, fazem um quadro não só melancolico, mas tambem pavoroso. Quem o presenciar pela primeira vez não poderá deixar de sentir alguma sensação de terror, por maior que seja a sua afouteza.

Porém depois mudam completamente as scenas, como a passagem das tristezas do inverno para as alegrias da primavera. Principalmente desde a povoação chamada *Entre ambos os Rios*, por ficar na confluencia do Tamega com o Douro, até á foz deste ultimo rio, na distancia de uns quarenta kilometros, succedem-se as bellezas da paizagem com tal graça e variedade, que o viajante precorre esse espaço n'um constante enlevo d'alma.

O Douro estende as suas aguas em mais amplo álveo, e posto que ainda apressado, só as brisas lhe vem encrespar a superficie assetinada. Em vez de serras erguidas a prumo, elevam-se suavemente viçosas collinas, e quando apparecem fragas é como para fazer realçar os bosques que as toucam, e as arvores frondosas que descem a beijar a corrente fugitiva. Onde o rio não brinca com a ramagem que lhe assombra as margens, espreguiça-se sobre alvissimas areias, que augmentam o effeito pittoresco do azulado das aguas, e dos verdores dos prados visinhos.

Pela gravura, que juntâmos, póde-se ajuizar da amenidade das margens do Douro. Todavia offerece vistas incomparavelmente mais bellas. Sitios ha, como o do Freixo, que não tem inveja ás mais formosas paizagens do celebrado lago de Como, ou de outros da Italia. A descripção de cada um d'aquelles sitos encheria por certo algumas paginas.

I. de Vilhena Barbosa.

OS QUATORZE DIAS FELIZES DE ABDERAMAN

(Traducção de Rodrigo Paganino)

A Hespanha, formosa terra, cujo solo é tão feliz e onde brilha um sol tão generoso, que apenas reclama do lavrador um ligeiro trabalho para lhe dar abundantes colheitas, a Hespanha que chegou a ser um dos primeiros estados do mundo christão, foi em antigos tempos governada, na maior parte, por califas musulmanos. Reinavam elles em Cordova, povoação pobre e triste hoje, outr'ora cidade alegre e opulenta. Devemos de certo dar grande desconto ás duzentas mil casas e novecentos banhos publicos, que as lendas arabes lhe esmavam; todavia, ainda que se conceda muito á exaggeração, que tende a amplificar tudo quanto se acha apartado de nós pelo espaço e pelo tempo, cumpre-nos acreditar, pelos vestigios que ainda restam da dominação mauritana, que era grande a importancia da população cordoveza n'aquellas epochas, e que bem fóra do commum se elevava o esplendor de seus soberanos.

Em Cordova reinava Abderaman em 912. Era o terceiro califa d'este nome, e descendia de outro cognominado Abderaman, o grande, o qual, bem criança ainda, víra morrer a sua familia n'uma sedição de Damasco. Aquelle que devia um dia ser Abderaman I, chefe de uma raça gloriosa, ficando assim, como dissemos, pobre e orphão, só encontrou refugio, apenas escapára á mortandade, n'uma aldeia de pastores selvagens das regiões montanhosas do Atlas. Foi guiando rebanhos, que Abderaman aprendeu a governar os povos, e a imperar, mais tarde, n'aquellas formosas provincias de Hespanha de que veiu a ser Cordova a capital. Depois de trinta e dois annos de reinado, este principe, fundador do seu imperio e pacificador de vinte nações, vendo-se proximo a morrer, disse estas bellas palavras a seu filho Hescham:

«Lembra-te de que os reinos pertencem a Deus, que elle é quem os dá e quem os tira aos que lhe apraz. Sê brando e clemente para os que dependerem de ti, porque todos são creaturas de Deus: trata os teus soldados com benevolencia e firmeza, para que sejam os defensores do estado e não os seus devastadores. Anima e protege os que cultivam a terra, pois são elles que fornecem o alimento. Faze com que os teus povos vivam felizes e tranquillos sob a tua protecção, porque, se a tranquillidade é a salvaguarda do soberano, a sua verdadeira gloria depende da felicidade de seus subditos.»

Ao grande principe, que fallava assim, vae para onze centos de annos, succedeu em linha recta uma serie de seis soberanos, e por fim coube o throno a Abderaman III, o mais illustre dos califas ominiadas que reinaram em Cordova. Mereceu ser cognominado Magnanimo pelos seus proprios inimigos. Surprehendeu-o a morte, quando ia completar setenta e dois annos. O seu reinado podia chamar-se o meio seculo venturoso, tão fecundo foi em grandes emprezas habilmente conduzidas, e coroadas immediatamente pelos melhores resultados. Todavia, quando se abriu o testamento de Abderaman, encontraram-se estas palavras, escriptas pelo seu proprio punho alguns momentos antes da hora derradeira.

«Decorreram cincoenta annos desde que sou califa. Riquezas, honras, prazeres, de tudo gozei e tudo chegou a enfastiar-me. Os reis, meus rivaes, admiram-me, temem-me e invejam-me. Tudo o que os homens desejam me tem o ceo prodigalisado. Na longa duração d'esta felicidade apparente, contei os dias em que me senti verdadeiramente feliz: alcançam a quatorze apenas! Humanos, apreciae a grandeza, o mundo e a vida.»

El-Hakkan, filho e successor de Abderaman, querendo continuar o glorioso reinado de seu pae, ser magnanimo como elle, e como elle feliz, interrogou os sabios encarregados de escreverem a historia das façanhas de Abderaman. Reuniu os secretarios particulares, cujo trabalho fôra recolher, dia a dia, os pensamentos do illustre soberano, e fez compilar n'uma obra só todos estes documentos dispersos. Quando a

historia publica e particular de Abderaman III esteve ordenada e classificada, El-Hakkan chamou á côrte todos os philosophos do imperio, e encarregou-os de recolher quatorze dias de felicidade, dos cincoenta annos de reinado. Uns, porém, prendendo a felicidade á gloria militar, outros fazendo-a proceder do bom exito de vastos planos imaginados, achavam que a vida de Abderaman offerecia um numero de dias felizes muito superior áquelle que o califa annunciára. Outros suppondo que a verdadeira felicidade consiste n'um scismar do espirito, durante o repouso absoluto do corpo, não conseguiam encontrar quatorze dias de inactividade physica n'uma existencia consagrada ao movimento. Como se tinham promettido grandes riquezas em recompensa ao que resolvesse o problema, augmentou o zelo dos investigadores na proporção da difficuldade, e alguns houve que morreram com o trabalho; entretanto ninguem desanimou, a não ser o successor de Abderaman. Vendo este, passados dez annos, que, graças a milhares de dissertações eruditas, a questão dos dias felizes estava cada vez mais embrulhada e menos esclarecida, recompensou generosamente os laboriosos doutores, e poz termo ás suas vigilias, mandando-os todos para suas casas.

Entretanto os cuidados e as alegrias do mando supremo não podiam distrahir o califa da lembrança da declaração contida no testamento de Abderaman. Prendendo-lhe o pensamento, como enigma que lhe affrontasse a intelligencia, cogitava n'ella, tanto no conselho em que a sua vontade decidia do destino do imperio, como nas excursões mysteriosas da noite, em que, disfarçado com trajos grosseiros, procurava conhecer melhor o seu povo sem ser reconhecido.

Uma noite, em que Al-Hakkan passeava embarcado no Guadalquivir, tendo só por confidente do seu incognito o valido Abou-Hanifé, lembrou-se o barqueiro, que ia remando á proa, de recitar versos n'uma especie de psalmodia, a que o movimento regular dos remos marcava o compasso. Abu-Hanifé, indignado por simlhante falta de respeito para com o califa, fez um gesto de ameaça para interromper o cantor; Al-Hakkan porém, que procurava distracções, suspendeu os furores do seu companheiro e pediu ao poeta que continuasse a canção.

— Não é esta a melhor, replicou Mansu, — assim se chamava o barqueiro. — Ha uma, que me poderia valer dinheiro bastante para comprar um palacio tão magnifico e tão brilhante, como o de Babur, ministro do thesouro; porém a pobreza do meu trajo não me permitte soltar a voz n'uma assembléa illustre.

— Em que assembléa pretendes fallar? — perguntou El-Hakkan não suppondo que houvesse uma assembléa de homens, onde uma canção, qualquer que ella fosse, tivesse paga tão subida.

— Fallo da assembléa dos sabios, que tão indevidamente ganharam o dinheiro do nosso generoso califa.

— Que tinhas a dizer no tribunal dos historiadores? — apressou-se o califa em perguntar.

— Uma trova composta por Adjaïd, meu pae, respondeu Mansu. De certo que não seria sufficiente para os fazer ficar de accordo aquelles doutos juizes; mas havia de bastar para satisfazer El-Hakkan.

— Pois vamos lá a ver a trova de teu pae; e se é verdade valer mais do que o thesouro da sciencia com que tantos sabios, durante dez annos, enriqueceram a bibliotheca de Cordova, prometto-te bastante oiro esta noite para poderes ámanhã comprar o palacio do thesoureiro do imperio.

Mansu, que era homem de bom juizo, julgou pelo trajar modesto do califa, que este ou não estava na posse de uma razão em demasia solida; ou que então era algum gracejador que queria divertir-se á custa d'elle.

— Gloria a Mahomet, disse elle, que determina respeito aos pobres, e compaixão aos loucos. Offereceisme uma fortuna em troca da minha trova; exijo muito menos; basta-me que a ouçaes até ao fim; pois se o conseguirdes, transportar-vos-hei n'esta barca até Zehra de graça: ter-me-heis pago em paciencia.

— Vem a ser então muito comprida? — perguntou o califa.

— Tão comprida, que só com metade adormeço meus sete filhos uns atraz dos outros. Não encontrei ninguem ainda a quem podesse cantar as sete coplas finaes. São quatorze, nem mais nem menos, uma que falte, é o bastante para a historia ficar incompleta: porque foram quatorze tambem os dias de felicidade que o grande califa Abderaman contou, quando veiu sentar-se, a ultima vez, na cabana de meu pae.

El-Hakkan extraordinariamente commovido e surpreso, convidou desde logo o barqueiro para que désse principio, e Abu-Hanifé, que até então lhe dispensára apenas um olhar de mero desdem, começou a dirigir-lhe um sorriso por extremo animador.

O barqueiro concentrou-se por momentos; depois, combinando de novo a cadencia dos versos, com o movimento dos remos, soltou n'uma especie de cantico declamatorio, o prologo das quatorze narrações que se vão ler.

«Veiu á morada do pobre o que dá ordens aos principes da terra. Veiu não como senhor temivel: mas como o amigo, que procura o amigo; como o irmão, que se chega para seu irmão. Disse ao barqueiro: escuta a minha voz e ensina á pobre gente do povo, os segredos de uma felicidade que os grandes da minha corte não alcançariam comprehender.»

Abderaman fallou, segue-se agora Adjaïd a cantar.

I

A MÃE

Não. A felicidade não consiste na victoria.

Era um dia. A cidade de Zamora revolucionada contra o seu senhor acabava de receber o castigo do seu crime. Jorrava o sangue nas ruas, e por toda a parte o incendio illuminava a carnificina. O grito: Piedade! repetido mil vezes, só recebia em resposta outro grito: Vingança!

Que fazia Abderaman, o grande califa, quando todos os seus, ennebriados com a victoria, despediam as egoas a toda a brida pelas ruas de Zamora?

Abderaman, com a cimitarra na bainha e occultando sob o seu manto de purpura uma criança bem pequenina, seguia o caminho do campo e procurava uma pobre mãe, que esperava encontrar entre os fugitivos, porque junto da criança desamparada não vira mulher alguma moribunda ou morta. E como divisasse a distancia um grupo de fugitivos, viu uma mulher prostrada pela fadiga na estrada. Erguendo os olhos e os braços para o ceo, parecia estar pedindolhe o que quer que era.

Abderaman parou diante d'ella.

— Não é este o filhinho que procuras? — perguntou o califa á fugitiva, apresentando-lhe a criança, que já desviára de si as pregas do capote com os bracinhos, e parecia querer deital-os ao pescoço de sua mãe.

A mulher não respondeu; mas deu tantos beijos na pobre criança, que o califa conheceu logo, que era realmente a mãe. O vencedor de Zamora encontrava satisfação tão doce em contemplar aquella alegria, que permaneceu um dia inteiro com os rebeldes. Só na manhã seguinte regressou á cidade vencida.

— Aqui está a primeira copla, disse Mansu para os dois passageiros. Estes embrulhados nos largos capotes pareciam mais entorpecidos do que attentos. — Se querem que fique por aqui, sentil-o-hei bastante por amor á memoria de meu pai; mas obedecerei. —

Como unica resposta, El-Hakkan atirou com uma moeda de oiro ao cantor e Abu-Hanifé disse-lhe: — Continúa.

Em quanto Mansu, estupefacto com a generosidade do passageiro, procurava tornar a voz mais firme, El-Hakkan escrevia nas suas tabulas de marfim: Offerecer o perdão aos revolucionados da serra d'Almanza, e fundar um asylo para as crianças abandonadas.

O barqueiro proseguiu.

II

O CÃO

Não. A felicidade não consiste no poderio.

Era um dia. Os embaixadores dos reis tributarios vinham depôr ante os degraus do throno de Abderaman o oiro, as pedrarias, e as armas ricamente trabalhadas, signal da soberania do califa de Cordova, sobre os principes christãos da Hespanha.

Que fazia Abderaman, o grande califa, quando os embaixadores estavam de joelhos ante o reposteiro de brocado da sua tenda de verão?

Bem longe do palacio de Zehra, curvado na margem do Guadalquivir, diante de um pobre cão ferido, enrolava-lhe em torno da pata ensanguentada uma tira rasgada da sua faxa de linho. O cão tinha sêde, e na praia deserta o kalifa não sabia onde encontrasse um vaso para tirar agua. Com as mãos unidas em taça, vinte vezes acudiu ao rio d'onde podia trazer apenas algumas gotas d'agua. Mas tanta perseverança empregou em repetir as viagens, que conseguiu por fim matar completamente a sêde ao ferido.

Quando Abderaman recolheu ao palacio, o cão seguia coxeando o seu bemfeitor. Que importava ao poderoso califa o tributo de vinte reis? Acabava de conquistar um amigo. Deixou aos seus visires o cuidado de receber os embaixadores, e encerrando-se no seu pavilhão, fez consistir a felicidade d'aquelle dia nas caricias da creatura paciente cuja ferida pensára e a que houvera apagado a sêde.

Como Mansu acabasse esta segunda copla, duas moedas de oiro lhe caíram aos pés. Deu-se pressa em apanhal-as, e tratou de continuar a trovar, sem perguntar d'esta vez aos ouvintes se lhes agradára a poesia de seu pae.

El-Hakkan aproveitou este momento de interrupção para escrever nas suas tabulas: Levantar a fonte do cão em favor dos pobres sequiosos.

Abu-Hanifé fez um gesto; Mansu foi cantando.

III

O PASTOR

Não. A felicidade não consiste na embriaguez do orgulho.

Era um dia. No palacio e na cidade celebravam o vigesimo anniversario do reinado de Abderaman. As ruas estavam juncadas de folhas odoriferas, e milhares de fogaréos chispavam nas cumiadas dos edificios. Os poetas enfileirados em torno do pavilhão imperial cantavam as glorias de seu senhor, e o povo bradava: Allah!

Que fazia Abderaman, o grande califa, quando por toda a parte exaltavam, a quem mais podia, a magnificencia das suas riquezas, os seus triumphos, e as suas felicidades?

Recolhido no seu quarto, contemplava com olhares de commoção o trajo de pastor com que se vestíra outr'ora seu illustre avô; trajos que um pastor do Atlas lhe trouxera n'esse mesmo dia. O califa depoz a tunica d'onde gottejavam pedrarias, e envergando a pelle de carneiro simples, rude, gordurenta e velha, esqueceu o fausto da corôa. N'esse instante, graças a uma piedosa ficção, transportou o pensamento por algumas horas, á vida de provações e miseria do primeiro Abderaman.

Achou uma felicidade tão grande n'este culto de recordações de familia, que conservou até á noite o trajo grosseiro de pastor por debaixo das vestes deslumbrantes de califa.

Quatro moedas de oiro passaram das mãos de Al-Hakkan para as do barqueiro, e a surpreza d'este augmentou na razão da recompensa. O filho de Abderaman escreveu: Instituir a festa dos pastores, dar premios aos que melhor crearem o gado, e presidir ás festas com o simples, mas preciso, trajo de meu avô.

Mansu proseguiu com voz firme.

IV

O ABRIGO

Não. A felicidade não consiste na abundancia de bens.

Era um dia. O califa e a sua corte, preparados para uma caçada, precorriam, fazendo grande alarido, as veredas de uma floresta. De repente o ceo toldou-se de nuvens, e dentro em pouco tempo os relampagos, cruzando linguas de fogo, penetravam apenas as espessas trevas. Os cavallos espavoridos transportavam os cavalleiros por caminhos desconhecidos.

Que fazia Abderaman, o grande califa, longe do seu sequito disperso, e mesmo no momento em que a egoa que montava, batendo com a cabeça n'uma arvore secular, caía por terra para não mais se erguer?

Proseguia a par de um pobre lenheiro, que lhe dissera, abrigando-o com o seu capote de lã: — É de sobejo grande a capa que nos deixa abrigar com o seu panno um nosso irmão em Deus; como é grande a mesa onde cabe um talher para o nosso amigo. Provar-vol-hei logo, repartindo comvosco a minha refeição da noite.

Abderaman seguiu o lenheiro á choupana. Viu tres filhas que serviam seu pae com amor, e não lhe fizeram falta as escravas, que a elle o serviam de joelhos. No palacio de Zehra esperavam as suas ordens com respeito; n'aquella choupana convidavam-no com um doce sorriso. Encantado com este acolhimento novo para elle, cheio de gloria por ver quanto a hospitalidade era honrada em seus estados, o califa contou em casa do rachador de lenha, o quarto dia de felicidade.

Aqui Mansu fez uma nova pausa. Al-Hakkan tirou oito moedas de oiro da bolsa. D'esta vez, porém, em logar de as atirar ao cantador, ordenou a Abu-Hanifé que lh'as entregasse, e em seguida escreveu nas tabulas: Mandar levantar tendas nas estradas, para abrigar os viajantes em occasiões de tempestade.

Abu-Hanifé voltou a sentar-se junto de seu amo, e Mansu continuou.

V

O LEÃO

Não. A felicidade não consiste na vingança.

Era um dia. O cadafalso estava erguido; o povo em multidão cercava o instrumento de morte, os grandes do imperio, agglomerando-se no estrado coberto com as armas do kalifa, preparavam-se para verem morrer o subdito que se revolucionára insolentemente contra o poder de seu senhor.

Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto os carrascos terminavam os aprestos do supplicio, e o condemnado contava com terror os minutos que lhe restavam para viver?

Triste e pensativo passeava na galeria de marmore, onde os leões e os tigres abriam as fauces detraz das grades doiradas das jaulas. Parou deante de Zaul, o

leão seu predilecto, vendo-o segurar nas garras um laparo, que estouvadamente entrára na jaula. — Zaul, disse o califa compadecido do estado lastimoso do laparo, a força não é direito, é um dever que nos obriga a proteger os fracos.

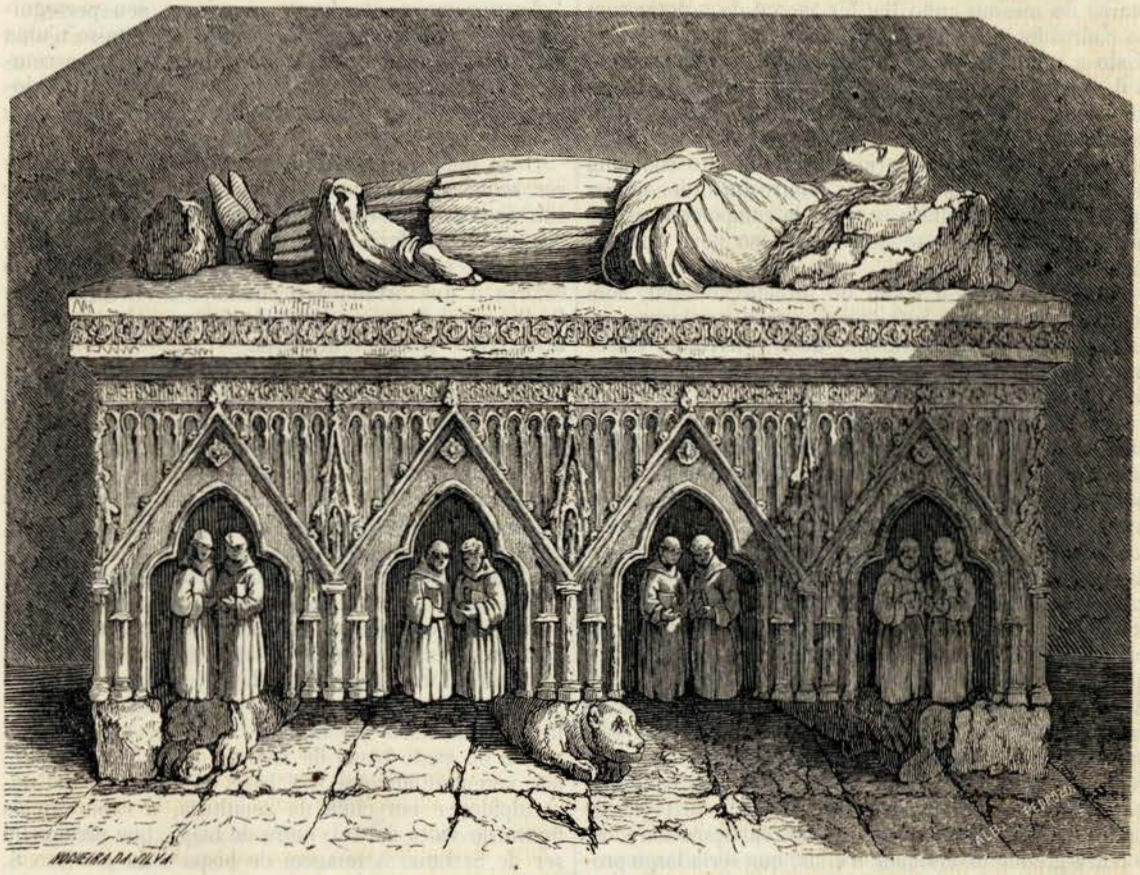
Zaul, ou por capricho, ou por generosidade, voltou a cabeça, levantou as poderosas garras, deixando fugir o timido animal, e em seguida adormeceu.

Abderaman pensou então n'essa creatura viva, que tinha segura sob a garra da justiça, e o cadafalso caiu, e o condemnado teve perdão. O califa voltou a acariciar Zaul, o leão dormia ainda. Sigâmos-lhe o exemplo, disse Abderaman, e satisfeito pelo modo como procedêra, adormeceu no somno mais doce que até então lhe pesára nas palpebras.

Acabada esta copla, foi o proprio Al-Hakkan, que se levantou. — Toma lá, disse ao barqueiro, dando-lhe dezeseis moedas de oiro, as ultimas que trazia comsigo. Toma lá, e que a memoria de teu pae seja abençoada. Mansu maravilhado, contou com os olhos a riqueza que possuia. Eram trinta e uma moedas de oiro. O califa escreveu: Perdoar a Hammanet, filho dos inimigos da minha raça.

O barqueiro continuou a cantar. Abu-Hanifé tinha adormecido.

(Continúa)



Tumulo del-rei D. Diniz — Desenho de Nogueira da Silva

Este foi paz de reis e amor das gentes,
Grande Diniz, rei nunca assás louvado.
Outros foram n'uma só coisa excellentes,
Este com todas nobreceu seu estado:
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as musas, poetou e leu.

Dr. Antonio Ferreira.

Se não temos estatua do fundador da Universidade, do creador da litteratura portugueza, e restaurador da agricultura, conserva-se ainda o seu vulto de marmore sobre o tumulo em que jaz.

Passando-o a estas paginas, fielmente desenhado, tal como se acha ao presente, conseguiremos perpetuar pela gravura um monumento de tanta veneração, antes que a mão do tempo e a dos homens o mutilem mais do que já está.

Nenhum rei de Portugal tem melhor jus a esta homenagem, que o sabio e digno esposo de Santa Isabel.

Antes porém de descrevermos este monumento, fallemos do templo onde elle se ergue.

De todos os escriptores que a respeito do convento de Odivellas nos deixaram memorias, nenhum foi mais investigador que George Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*, impresso em 1652.

No tomo I a pag. 105, diz este nosso classico o seguinte:

«O sumptuoso e real convento de Odivellas é o mais celebre que tem a religião de S. Bernardo n'este reino, pela magestade de seus edificios, opulencia de rendas, numero de religiosas, e abundancia de privilegios com que el-rei D. Diniz, seu fundador, o enriqueceu, erigindo-o por honra de Deus, da Virgem Senhora Nossa, S. Diniz e S. Bernardo, como elle mesmo confessa na escriptura que lhe fez do padroado de Santo Estevão da villa de Alemquer.

Dista elle duas legoas de Lisboa, no caminho de Loires, de cujas serras descem aguas que juntas fazem um rio, o qual passando pelo valle que o convento ennobrece, com breve curso, pela boca de Alcantara paga seu tributo ao mar.

Teve principio no anno 1294, com approvação e beneplacito dos abbades de Cister e Alcobaça; e deu-se tanta pressa ao material d'elle, que em menos de dois annos (affirma uma memoria antiga do mesmo con-

vento), viviam já n'elle as religiosas, com sua abbadessa D. Elvira Fernandes.

El-rei, com sua real liberalidade, lhe fez logo amplas doações, e as que confirmou a 7 de fevereiro do anno 1295 constam do segundo livro dos Dourados do cartorio de Alcobaça fol. 114 onde firmam:

Ego Rex Dionysius manu mea subscripsi. Nos Joan. Vlixb. Episc. manu propria hic subscripsi. Et nos Fr. Dominicus Abb. Alcob. manu propria hic subscripsimus. Ego Petrus Remigij cantor Ulixbon. nomine capituli manu propria hic subscripsimus. Ego Fr. Pascasius monachus Alcob. de mandato abbatis subscripsi. Ego episcopus Elborensis manu propria hic subscripsi.

E não contente o dito rei com isto, em 23 de março do mesmo anno lhe fez mercê de o dotar com os padroados de Santo Estevão de Alemquer, consentindo a rainha D. Brites, que o tinha em sua vida, e o de S. Julião de Santarem. E no de 1318 lhe annexou mais o de S. João do Lumiar, e S. Gião de Friellas. Assim mesmo lhe concedeu por seu alvará, não obstante a lei em contrario, podesse o dito convento herdar os bens das religiosas. Outrosim ordenou por sua alma sete capellães com renda competente, e que no dia de S. Diniz se desse bodo ao povo que alli acudisse.

Ultimamente fel-o couto de jurisdicção civil, com muitas exempções e privilegios, que se conservam no archivo real, particularmente no 3.º livro da Estremadura a fl. 145, d'onde summariámos o que deixâmos dito.

Pela devoção que el-rei D. Diniz teve a esta santa casa, fallecendo em Lisboa a 7 de janeiro de 1325, se mandou n'ella sepultar, em soberbo mausoleu de pedra, rodeado de grades de ferro, o qual antigamente estava no meio da egreja, pelo que impedia, totalmente, que podessem as religiosas do côro ver as missas e officios divinos do altar-mór, e por esta causa o passaram á banda da epistola na mesma confrontação. Pelo que é hoje a primeira coisa que se offerece á vista aos que entram na dita egreja. A qual se compõe de tres naves, e é tão comprida, que da metade d'ella se fez o côro com tres ordens de cadeiras, capaz de duzentas religiosas. N'elle ha seis capellas adornadas de riquissimas peças e notaveis reliquias. Para ornato do divino culto, está este convento enriquecido com grande variedade de peças de prata, sacrario, estantes, alampadas, castiçaes doirados, e outra grande diversidade d'ellas, que seria largo processo referir; e até grades do altar-mór, côro, frontaes, pannos de pulpito, tudo é revestido de laminas de prata, e ultimamente riquissima custodia de oiro, a melhor e mais custosa peça de Portugal.

Recolheram-se em diversos tempos a este religioso asylo de virtudes algumas senhoras da casa real, como a infanta D. Maria, filha de el-rei D. Diniz, cuja sepultura se vê na parede do claustro que responde ao altar de S. João Baptista. D. Filippa, filha do infante D. Pedro, neta del-rei D. João I, que jaz na sacristia, em proprio sepulchro. A princeza D. Joanna, filha del-rei D. Affonso V, que no convento de Jesus de Aveiro falleceu depois santamente; e outras muitas que, movidas da santidade que d'esta casa publicava a fama (por ser a primeira que n'este reino logo de seu principio professou observancia), quizera fazer companhia ás religiosas d'ella; pelo que com razão nos podéramos queixar das antigas madres, que nenhuma memoria nos deixaram de suas virtudes e felizes mortes. E para que de todo se não perdesse a pouca noticia que de algumas religiosas ha, fizemos grandes diligencias por averiguar a que aqui damos. Uma das quaes é D. Mecia de Noronha, cujo appellido mostra bem o illustre tronco de sua nobreza, a que respondeu o heroico de suas virtudes, que lhe grangearam a boa fama que deixou na morte, que foi anno 1589.»

De nenhuma das differentes origens dadas a esta fundação nos falla George Cardoso, acaso porque não achou averiguada qual fosse a genuina.

Nós, porém, vamos referir a que nos serve para interpretar a singular esculptura do tumulo que devemos descrever.

«Conta-se que no anno de 1294, estando el-rei D. Diniz na cidade de Beja, saíra um dia a montear. Tendo-se afastado da sua comitiva, foi-se encaminhando, sósinho, para a ribeira do Odiana. Alli, junto de umas rochas, avistou um urso (havia-os por cá n'esse tempo) afamado n'aquellas paragens por de grande ferocidade.

No mesmo ponto largou o rei em seu perseguimento; mas a fera, que o presentiu, occulta-se n'uma quebrada, e quando D. Diniz váe a passar, accommette-o de subito, lançando-lhe as mãos com tal violencia que o derribou do cavallo, e em terra o quer esmagar debaixo de si.

O rei que, atropellado com tanto impeto, não póde ser senhor das armas que leva, nem appellidar por sua gente, pede soccorro ao ceo. Por aquelle tempo, diz a historia, fazia S. Luiz, bispo de Tolosa, muitos milagres: invoca-o el-rei; apparece-lhe o santo, e o esforça a que arranque o punhal e o crave na fera. D. Diniz cobra animo, leva do ferro, e alcança matar a terrivel e possante alimaria.

Livre de tamanho perigo, por intercessão de S. Luiz, ficou-lhe el-rei com muita devoção, e em sua honra mandou fabricar uma capella no convento de S. Francisco de Beja; e depois, quando volveu a Lisboa, o convento de Odivellas — «onde perpetuou este successo, deixando esculpida em um dos marmores sobre que assenta a sua sepultura, a figura de um *usso*, debaixo do qual está um homem cravando-lhe um punhal, é é a primeira base da parte da porta da sacristia.»

Isto diz o chronista fr. Francisco Brandão, na «Monarchia Lusitana», sem comtudo o dar por coisa averiguada, nem o abonar com algum documento, afóra o da esculptura, acrescentando por ultimo:

«Persuadiram-se alguns que el-rei edificára Odivellas por memoria do milagre do *usso*, e reconhecimento do santo bispo de Tolosa, que o livrou d'elle, por verem o milagre, na base da sepultura del-rei, esculpido; e em cima da sepultura, á cabeceira da figura de vulto del-rei, outra de bispo, que presumem ser de S. Luiz. A imagem de bispo é do glorioso S. Dionysio, de cuja invocação é o convento, e por devoção do qual el-rei o edificou, como elle declara na carta de dotação, e em todas outras doações, escripturas, etc.»

Eis o que sobre o tumulo ou moimento del-rei D. Diniz lêmos nas memorias antigas. Agora passemos a dar conta do estado em que o fomos achar, e de que lado o desenhámos.

Entrando no templo, á mão esquerda, n'um vão contiguo á capella-mór, está a regia sepultura, com a face que a nossa estampa copiou voltada para a parede do fundo.

É todo de pedra, quadrilongo, de 262 centimetros de comprimento, por 142 de altura. Em cima está o vulto del-rei, com os pés para o côro, armado e de vestes reaes; porém muito mutilado e disforme, mórmente o rosto, o collo e as mãos, que estão meio decepadas. Tudo isto tem sido torpemente restaurado com chapadas de cal e areia!

Ainda mais e peior: o lado frontal d'este importante monumento está completamente estucado de angulo a angulo!... Foi por isso que se copiou o opposto, que no outro, só ha, em campo branco, umas armas reaes inferiores ás de qualquer reposteiro de secretaria!

Ao lado esquerdo do vulto real se vêem ainda fragmentos de uma figura, que deveu de ser a de S. Diniz, segundo o que refere o chronista Brandão, no logar que já apontámos.

Á parte direita tambem parece ter havido outra figura, pelo que denunciam os restos inferiores que ainda se distinguem: mas convem saber, que o referido historiador não menciona senão o vulto do santo bispo.

Os troncos, porém, de todos estes fragmentos estão hoje substituidos por uns enfeites, á laia de remate de chaminé, feitos de cal e areia, ou coisa similhante, o que o nosso artista não copiou no desenho, por ter pejo de prostituir o seu lapis em trasladar tão ignominioso barbarismo!

Todas as quatro faces, porém, são como a que offerece a estampa, primorosamente lavradas, e ornadas de escudetes e laçaria, segundo a architectura da epocha, com seus nichos, contendo cada um duas figuras em vulto, de frades da ordem de Cister, todos com livros fechados nas mãos; e os dois ultimos, que ficam aos pés del-rei, sustentam nos braços um archete, ou cofre, com sua fechadura. Todos os nichos tem a mesma conta de frades, excepto o primeiro da cabeceira do tumulo, onde se vê um vulto que parece de rei, em joelhos, e com as mãos postas, aos pés de um prelado, lendo n'um livro.

Este monumento descança sobre seis figuras de animaes de differente especie; estão porém tão mutiladas, que mal se podem designar. Das tres que aponta a estampa, a do meio é evidentemente de um alentado mastim. A da parte esquerda devia representar o caso do urso, segundo acima deixâmos contado; mas o que hoje resta é tão pouco e desfeito, que não póde abonar cabalmente a palavra honrada do chronista. A da direita, pelas garras, mostra ser de leão.

Um sobreceo de damasco, pendente do tecto, resguarda com acatamento este real deposito das cinzas do sabio monarcha portuguez.

Quando n'esta terra houver governo que mande preservar e restaurar os monumentos nacionaes, um dos primeiros deve ser o tumulo del-rei D. Diniz.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

CAUSA DA ANTIGA INTRODUCÇÃO DOS VOCABULOS FRANCEZES NA LINGUA PORTUGUEZA

Recebemos ha pouco uma carta em que se nos diz, que defendendo nós com tanto afinco a pureza da lingua materna, no *Archivo* apparecem artigos que não observam escrupulosamente este empenho. E para prova, cita o nosso correspondente o adjectivo *malsão* que lêra não nos diz em que artigo; mas exclama: *Não é isto um chapado gallicismo?*

Não é, não senhor. Nos melhores e mais antigos classicos o ha de achar.

O erro de ter por gallicismos certos vocabulos que em francez se escrevem quasi com as mesmas lettras, cessará logo que se estude a origem e formação da lingua portugueza. Para este fim, vamos divulgar um dos capitulos da excellente *Memoria* do academico Antonio das Neves Pereira, apresentada á nossa academia real das sciencias em 1792, sob o titulo de *Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo* XV *e* XVI, cuja leitura recommendâmos a todos os que se quizerem esmerar na correcção da nossa linguagem.

Não é de admirar que nos viesse tanta copia de termos da lingua franceza, porque no tempo antigo era esta lingua mais coherente com a nossa do que hoje. Os francezes diziam, como os hespanhoes, *si-que*, por *assim que*, *de modo que*, *de sorte que*, etc. *Souloir* era em francez, como para nós *soer* ou *soher*, do latim *solere;* e os francezes deixaram aquelle termo quasi ao mesmo tempo que nós deixámos o nosso, em logar do qual tomaram *s'accoutumer*, *être accoutumé*, *costumar-se* ou *ser costumado*. Diziam *prouesses*, como nós *proezas*, em logar de *grandes actions*, de que hoje usam; *monstier*, como nós *mosteiro; moult*, do latim *multum*, como nós *muito*, ou como os nossos antigos *moito; certes*, como nós dizemos ainda *certo*, por *certamente*, ou *na verdade*. *Bel*, *bello; capel*, *chapeo; scel*, *sêllo; coutel*, *cutelo; rancune*, *rancor;* e outros assim, bem mostram quanta similhança havia entre ambas as linguas, em quanto ao mecanismo dos sons de que se compunham os vocabulos; de maneira que muitas palavras portuguezas, pela similhança que tem com as francezas, sendo umas e outras derivadas das latinas, podem fazer duvida, se primeiro foram tomadas da lingua latina, ou se primeiro se fizeram francezas, e depois as aportuguezámos.

Não ha duvida que a muita communicação que houve entre ambas estas nações, ainda antes de se instituir a monarchia portugueza, devia ser causa de se augmentar a nossa lingua com muitos vocabulos que d'aquella temos. Por quanto, consta da historia, que era tanta a frequencia de francezes que vinham a Portugal, pelo trato e navegação, que não faltam auctores affirmando que d'ahi é que veiu chamar-se a este reino *Portugal*, como se dissessem *Porto de Gallos*. Duarte Nunes convem [1], que já antes da monarchia passaram muitos vocabulos da lingua franceza, pelo commercio que tinham os hespanhoes com os francezes; só hesita em se persuadir que isso procedesse, como em outras nações acontece, da visinhança dos povos. Como se fosse necessario para a communicação das linguas e do commercio, que morassemos visinhos, porta com porta!

Mas como não ha coisa mais natural e ordinaria, em todas as nações, que o tomarem as expressões e linguagem d'aquelles de quem recebem as leis e os mandados; assim devia succeder em Portugal no principio e progressos da monarchia. Por quanto, primeiro veiu de França o conde D. Henrique de Burgonha com sua familia e tropas, e viveu em Portugal até á morte, governando todas as terras que ganhára pelas suas conquistas, as quaes, como ficaram separadas da monarchia de Hespanha, foram perdendo o antigo dialecto hespanhol, que andava misturado na lingua portugueza; e demais d'isto adoptaram os novos vocabulos dos conquistadores, de fórma que d'esta nova colonia, meio franceza meio portugueza, ficou constituida uma nova republica e linguagem, em parte nova, reformada e enriquecida de muitas vozes francezas, familiares, bellicas, politicas, facultativas, etc., que se naturalisaram e encorporaram no idioma portuguez.

Principiou, em fim, a monarchia portugueza no senhor D. Affonso Henriques, primeiro rei de Portugal; e como veiu de França casar com este monarcha a rainha D. Mafalda, trazendo em sua corte grande numero de damas e cavalleiros francezes, foi esta outra notavel occasião de se propagar muito mais o uso dos vocabulos recebidos, e de se acrescentarem outros mais.

Outro successo houve, assaz notavel, no reinado d'este monarcha, que sem duvida havia de concorrer muito para o uso e introducção de vocabulos francezes em varias provincias da monarchia; e foi, quando aportou ás nossas praias aquella famosa armada conduzida por Guilherme de Longa-espada, a qual nos ajudou a tomar Lisboa aos moiros, porque, convidados da generosidade do monarcha, ficaram estabele-

[1] Origem da lingua portugueza, 1606, 1 vol. in-4.

cidos em Portugal muitos senhores francezes, povoando varias villas e logares d'este reino, dos quaes ainda conservam titulo e linhagem alguns fidalgos portuguezes.

Passado longo tempo, entrou em Portugal D. Affonso III, com sua mulher, a condessa de Bolonha D. Mathilde, trazendo grande comitiva franceza, assim de senhores da sua corte, como de tropas para sua defesa; e em Portugal ficou reinando trinta e dois annos em logar de seu irmão D. Sancho. D'estas allianças, em differentes epochas, resultaram varias mudanças na lingua portugueza, principalmente em innovações de vocabulos, como se póde observar comparando os nossos escriptores de differentes seculos.

Mas as maiores revoluções da lingua, assim como as do estado, succederam no felicissimo reinado del-rei D. Manuel, porque então, como diz um auctor grave, fez a lingua portugueza maior mudança nos primeiros vinte annos, que em cento e cincoenta d'ahi para cá, por ser a corte d'este monarcha frequentadissima de todas as nações; e mr. de Real attesta, que entre os reinados felizes e brilhantes que se acham na historia de Portugal, nenhum, depois do de Affonso, tem sido mais celebre que o reinado de D. Manuel. As linguas (segundo as idéas de Condillac) aperfeiçoam-se á proporção que cresce a policia nos costumes dos povos, e isto se viu n'aquelle reinado.

Ha porém motivo para duvidar, se alguns dos vocabulos da nossa lingua, que os nossos philologos attribuem á origem franceza, na realidade a tivessem, ou que tal fosse a sua origem immediata. E se hei de dizer o meu pensamento, acho uma tão grande affinidade em muitos vocabulos das linguas modernas, que mais depressa me persuado que elles tivessem origem commum, do que origem subalterna. O certo é, que temos alguns em que se não póde resolver, ao certo, qual fosse a sua origem primitiva.

1.º — Porque a concurrencia dos sons syllabicos similhantes, que se acha em vocabulos portuguezes, hespanhoes, francezes, italianos e inglezes, a não ser fortuita, fazem mui debil conjectura para crermos que tal vocabulo nos viesse de mais de uma que de outra nação.

2.º — Como os barbaros orientaes, na universal invasão do imperio romano, se espalharam quasi ao mesmo tempo por varias provincias, era factivel que n'ellas disseminassem varias vozes, que modificadas diversamente, conforme o genio predominante da nação e da lingua primitiva do paiz, seriam mui similhantes e aparentadas com as que se iam introduzindo n'outros paizes.

Por exemplo: observa-se que o portuguez diz *limão*, o hespanhol *limon*, o francez *limon*, *lemon* o inglez, *limone* o italiano. *Jardim* põe Duarte Nunes (fiando-se n'outros auctores) entre os vocabulos que nos ficaram dos godos. Póde ser, mas eu vejo que o hespanhol diz, com pouca differença, como nós, *jardin*, o francez *jardin*, o italiano *giardino*, o inglez *garden*. Se é nosso este vocabulo, porque no-lo deixaram os godos, acaso o levaram as outras nações européas de Portugal?

Em vão me dirá este auctor, que a palavra *maneira* nos veiu de *manière*, franceza, pois vemos que com pouquissima differença diz o hespanhol *manera*, o inglez *manner*, e assim acontece em muitas outras. Quem me diz agora qual d'estas nações teve primeiro aquelle vocabulo, e qual depois? Se foi correndo successivamente de umas a outras, ou, como fruta serodia, veiu mais tarde n'algum paiz, ou em todos nasceu ao mesmo tempo?

Confirma-se este pensamento, pela similhança que se acha nos vocabulos que tem estas mesmas nações derivados do latim, porque assim como do idioma oriental tomaram seus vocabulos, com as modificações proporcionadas que o uso auctorisou em cada lingua, assim da latina derivaram muitos, com modificações conformes á disposição do orgão nacional, mas que na essencia são os mesmos. Por exemplo: *falso* diz uniformemente o portuguez, o hespanhol e o italiano; o francez, abbreviando os elementos, diz *faux*, o inglez, com leve mudança, diz *false*.

Do termo latino *pirum*, tirou o portuguez *pera*, o hespanhol e italiano usa dos mesmos sons; o francez diz *poire*, o inglez diz *pear*, que é o mesmo nome portuguez com transposição das letras finaes. *Lanterna* diz do mesmo modo o portuguez, o hespanhol, o italiano, como está no latim; o francez diz com pouca differença *lanterne*, o inglez *lanthorn*. *Estamago* tinhamos nós ainda não ha muitos annos; mudou-se em *estomago*, e assim se escreve em hespanhol; o francez tem *estomac*, o italiano *stomaco*, o inglez *stomach*.

A mesma duvida podémos formar de outras palavras, que Nunes affirma serem tomadas de italiano, como *arenga*, que tanto podia vir do italiano *arenga* como do francez *arengue*. E que me dizem de *espeto*, do italiano *spedo*? Porque não viria do inglez *spit*? *Espora*, do italiano *sprone*, porque não do inglez *spur*?

Não ha necessidade de mais exemplos, nem é conveniente copiar aqui os diccionarios das linguas modernas. Como nas nossas alfandegas não ha livro onde se carregue a entrada dos vocabulos estrangeiros, nem a sua epocha e naturalidade, tudo fica incerto, nem similhantes especulações são de grande valor para o uso de taes vocabulos; o caso está que sejam commodos e sonoros, e corram com o sêllo ou nota nacional; *signatum præsente notâ:* pouco importa d'onde viessem.

O RISO

A alegria dos impios e mundanos não póde ser verdadeira, e não é mais que uma apparencia ou figura d'ella.

Lycurgo, com ser tão serio e severo legislador, mandou levantar em Sparta uma estatua de marmore ao riso.

O riso do peccador, se não é animado com a vida do espirito, é só riso em estatua, frio como marmore; riso não tanto seu como do mundo, que por elle se ri de si mesmo; porque, como diz Santo Agostinho, este mundo ri-se de todos os que se não riem d'elle.

PADRE MANUEL BERNARDES.

ENIGMA

